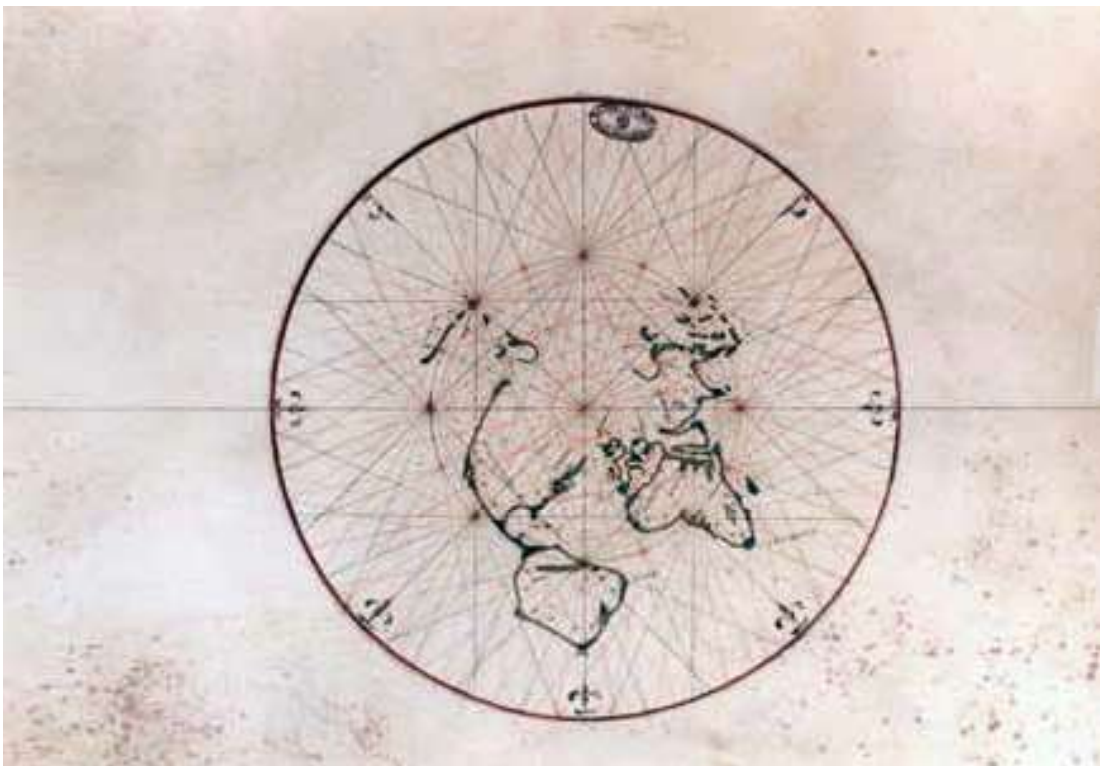


O DESCOBRIMENTO DO RIO DA PRATA

THE DISCOVERY OF THE RIVER PLATE

Paulo Pitaluga Costa e Silva



Fonte: LISBOA, João de. Globo, Lisboa: 1514

RESUMO: Existem dúvidas tanto da data da descoberta do rio da Prata, como o nome de seu verdadeiro descobridor. Portugueses e brasileiros defendem a descoberta do rio da Prata por Américo Vespuccio na expedição de 1502. Por outro lado os historiadores espanhóis, paraguaios e argentinos afirmam que o descobridor foi Juan Diaz de Solís, no ano de 1516. E tanto espanhóis como portugueses não se entendem nem cedem espaço nos seus pontos de vista. O caso não chega a ser uma polêmica entre historiadores, mas as posições são manifestadas de forma bem imperativa por parte de uma e outra linha de pensamento. E a verdade está num acidente geográfico, certo cabo de Santa Maria localizado na entrada do rio da Prata. Os portugueses defendem que, estando o cabo de Santa Maria localizado na

foz do rio Prata, quem chegou até esse cabo, chegou até o rio da Prata. Os espanhóis dizem que o cabo de Santa Maria na realidade é o cabo de Santa Marta, localizado no litoral de S. Catarina, contestando a linha de pensamento dos portugueses. Assim, com base em documentação e cartografia da época, e na localização desse cabo, relatamos os prováveis descobridores, suas viagens e as datas em que chegaram até o rio da Prata.

Palavras-chave: Rio da Prata. Santa Catarina. Cabo de Santa Maria. História da América.

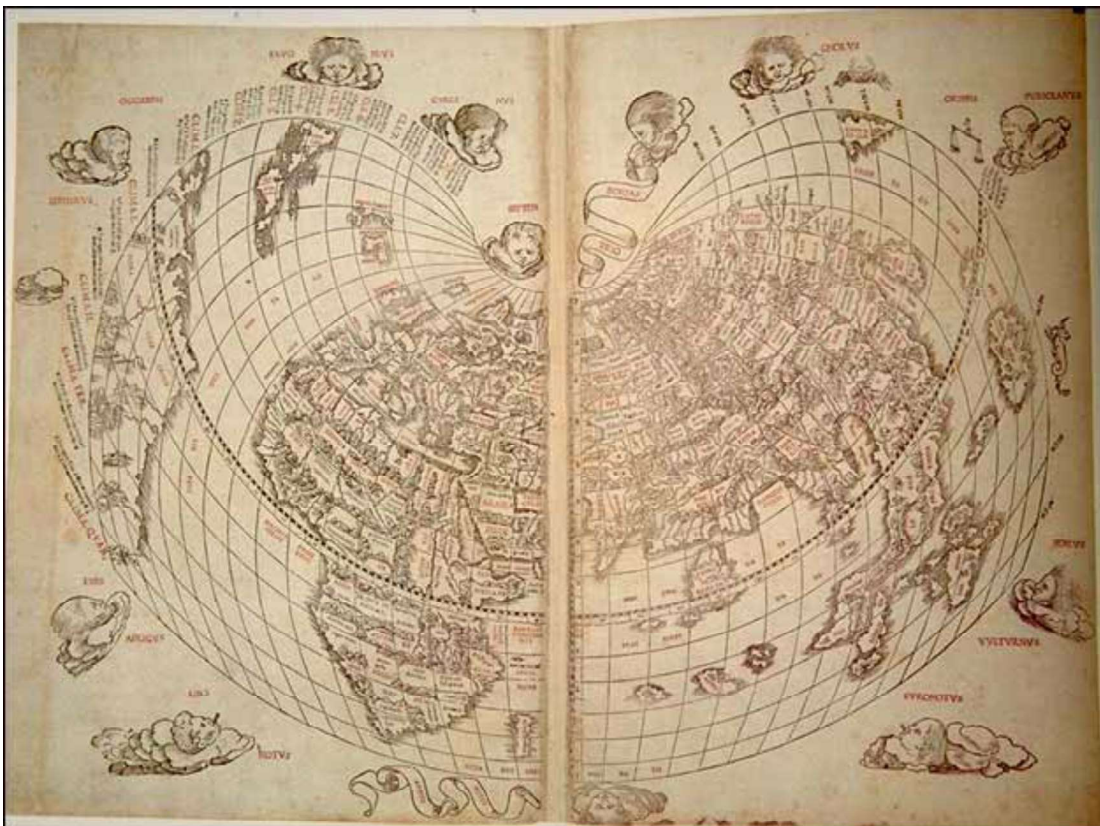
ABSTRACT: There are questions both the date of discovery of the River Plate, as the name of your true discoverer. Portuguese and Brazilians advocate the discovery of the river Plate by Americo Vespucci's expedition in 1502. On the other hand the spanishes, paraguayans and argentines historians say the discoverer was Juan Diaz de Solis, in 1516. And both Spanish and Portuguese do not understand or give way in their point of views. The case does not become a controversy among historians, but the positions are so well expressed by an imperative and another line of thought. And the truth is a geographical accident, named cape of Santa Maria located at the entrance of the River Plate. The Portuguese argue that, while the cape Santa Maria located at the mouth of the River Plate, who came to this cape, came to the river Plate. The Spanishes say that the cape is actually Santa Maria is the cape Santa Marta, located on the coast of State of S. Catherine, challenging the line of thinking from the Portuguese. Thus, based on documentation and mapping of the time and location of this cape, we report the probable discoverers, his travels and the dates that reached the River Plate.

Keywords: River Plate. Santa Catarina. Cape Santa Maria. American History.

ARTIGOS



MAGGIOLO, Visconte de. Mapa Mundi.[Italia]: 1511.



SYLVANUS, Bernard. Mapa Mundi. [Amsterdam]: 1511.



Fonte: CANÉRIO, Nicoló. Mappa Mundi: [Italia], 1504.

INTRODUÇÃO

O rio da Prata foi por vários séculos um dos mais importantes meios de penetração para o interior do Novo Mundo. Os seus primeiros conquistadores acharam que nas cabeceiras dos rios que o formavam poderiam encontrar riquezas incomensuráveis. No decorrer das primeiras décadas da conquista espanhola, em suas margens foram fundadas Buenos Aires, e Paraguay arriba, Assunção, inúmeros puertos, além de uma difícil subida até os limites navegáveis deste rio já no hoje estado de Mato Grosso.

Mas uma coisa é certa, existem discrepâncias históricas com relação à data correta e o nome de seu descobridor. Juan Diaz de Solís é o mais citado e com mais abundante documentação histórica conservada nos arquivos e bibliotecas. São seus defensores historiadores de língua espanhola. Por lado outro lado existe uma séria possibilidade desse rio ter sido descoberto por Américo Vespúcio ou mesmo João de Lisboa, hipóteses essas defendidas por pesquisadores portugueses e brasileiros.

Mas o fato é que essas divergências são tão díspares como irreconciliáveis e cabe algumas análises e explicações com base em documentos e mapas quinhentistas para se tentar resolver ou dar pistas para a solução do problema da descoberta do rio da Prata.



CONTARINI, Giovanni, Mapa Mundi, [Italia]: 1506

O RIO DA PRATA

O rio da Prata tem uma história muito importante, não só para a América do Sul espanhola mas também para a do Brasil.

No século XVI os primeiros expedicionários que foram ter às costas do Brasil ouviam as histórias das serras de Prata e de um rei branco que comandava um colossal e riquíssimo império. E essas ricas regiões estavam situadas rio da Prata acima e para lá se dirigiram as atenções dos conquistadores espanhóis e portugueses no primeiro século da conquista do Novo Mundo.

Sobre esse rio existem um sem número de dúvidas históricas e geográficas.

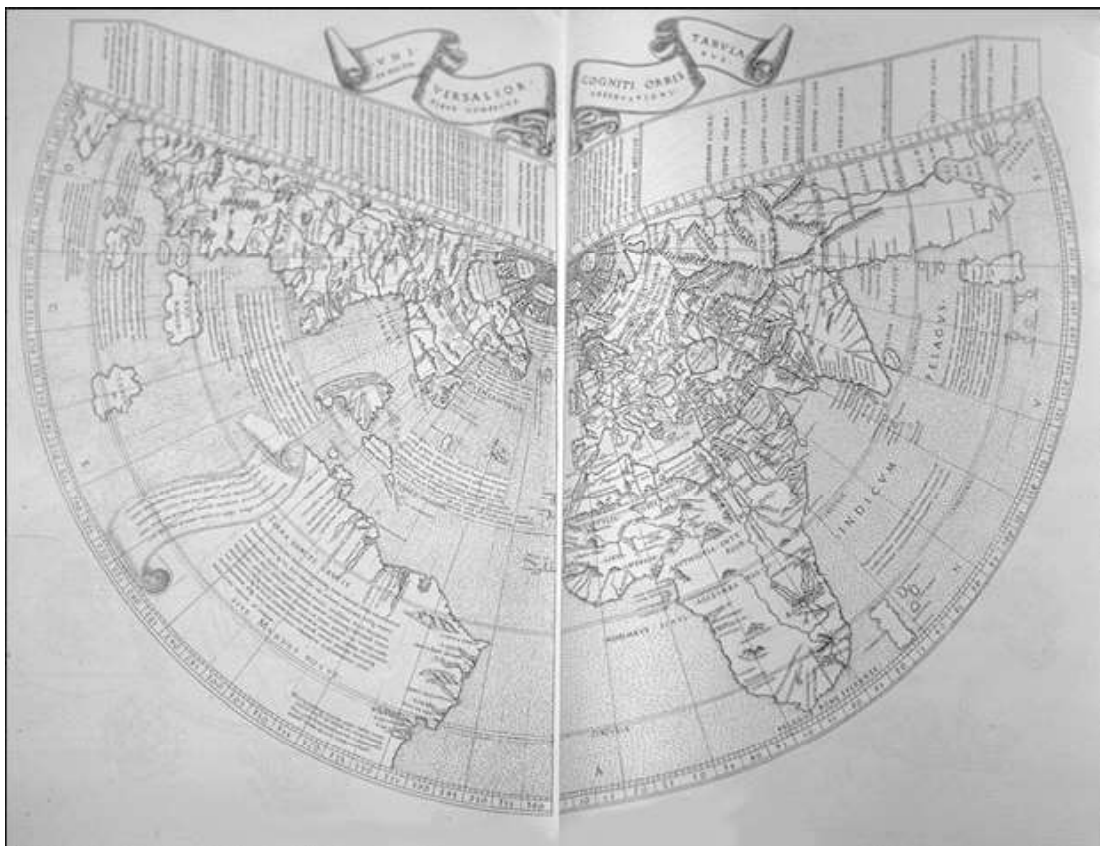
No complexo da história de sua descoberta, por mais que historiadores tenham pesquisado e com páginas e mais páginas produzidas no decorrer dos tempos, ainda existem névoas e lacunas que, após cinco séculos fica muito difícil, senão impossível, de se dissipar ou de serem preenchidas.

Alguns historiadores do Brasil e a unanimidade dos argentinos e paraguaios afirmam que o descobridor do rio da Prata foi Juan Diaz de Solís. Todavia, estudiosos portugueses e alguns brasileiros contestam veementemente essa descoberta por parte do reino de Castela, atribuindo-a a navegantes portugueses. Litígios eruditos e discussões acadêmicas em prol da primazia do Império espanhol ou do Reino português.

Os primeiros navegantes europeus que no novo continente chegaram, de plano viram-se envolvidos e atraídos ao litoral brasileiro primeiramente pelas informações dadas pelos índios a respeito de grandes riquezas em ouro e prata, de certo rei branco e ainda uma serra inteira de prata e metais preciosos.

Essas notícias chegavam aos europeus de forma bastante descontraídas, vazias, inconsistentes e sem firmeza ou sem uma garantia maior da existência dessas riquezas. Acreditavam totalmente na palavra dos índios apenas por querer acreditar, com base apenas no “ouvir dizer”. E mesmo sem provas, com pouquíssimas amostras de algum ouro litorâneo que os naturais exibiam e entregavam aos conquistadores quinhentistas, estavam os europeus fascinados e enfeitiçados com a possibilidade de encontrar pelos sertões adentro os grandes tesouros, a tal serra com toneladas de Prata e um certo rei branco. E essa ambição desmedida os havia impellido da Europa até as costas atlânticas do Novo Mundo.

CABO SANTA MARIA OU CABO SANTA MARTA



RUYSCH, Johannes. *Universalior cogniti orbis tabula*. Amsterdam, 1507.

Antes de explicar sobre as versões portuguesas e espanholas, devemos colocar um ponto fundamental para o perfeito entendimento da descoberta do rio da Prata, certo Cabo Santa Maria. Inúmeros autores têm como preciso de que na entrada do rio da Prata, existe ou existia um cabo denominado de Santa Maria, daí acharem que, quem navegou até atingir esse cabo, necessariamente também deve ter chegado ao rio da Prata. Essa explicação é fundamental para o bom entendimento das versões dadas por historiadores portugueses e alguns brasileiros, sobre a primazia da descoberta do rio da Prata.

Por outro lado, temos a ressaltar que historiadores platinos apontam que esse referido cabo de Santa Maria, mencionado na foz do rio da Prata, hoje em território uruguaio, na realidade se trata do cabo denominado de Santa Marta, situado no estado de Santa Catarina.

Aí começam sem dúvida as divergências históricas, geográficas e cartográficas. E dependendo dessa específica situação, caberá a honra do descobrimento do rio da Prata ou a espanhóis ou a portugueses.



WALDSEEMULLER, Martin. Mapa Mundo. [Alemanha]: 1507.

VERSÕES PORTUGUESAS

O historiador brasileiro Varnhagen dá como certa a descoberta do atual rio da Prata por Américo Vespuccio, piloto de uma expedição exploradora financiada por D. Nuno Manuel. Este era um comerciante português, proprietário de caravelas e naus e, principalmente, amigo do rei D. Manuel. Essa armada partiu de Lisboa em 1501 e tocou em terras do Brasil em 28 de agosto desse mesmo ano.

Varnhagen assim referiu:

Da Cananéa seguiu a flotilha para o sul até o cabo Santa Maria, ao qual deu este nome, que pouco tempo depois foi dado também ao rio que hoje denominamos da Prata (...). (VARNHAGEN, 1926, p. 94).

Ainda em nota de rodapé, o historiador dá uma consistente pista para corroborar com sua hipótese:

(4)- No mappa de Cantino vem marcado e escripto o “cabo de Santa Maria” (...). Aquelle planisfério foi feito em Lisboa antes de 19 de novembro de 1502 (...). (VARNHAGEN, 1926, p. 94, nota 4).

Alberto Cantino, cosmógrafo então a serviço de Portugal, recebeu essa e outras informações do litoral brasileiro através de Américo Vespuccio, que aportou em Lisboa vindo do Novo Mundo em 22 de julho de 1502.

Essa hipótese de Varnhagen é muito contestada, embora mostrando uma clara prova cartográfica que serviu de subsídio e base às suas análises históricas sobre o tema.

Assim, para ele, o descobridor do rio da Prata foi realmente Américo Vespuccio em 1502.

No seguinte ano de 1503, o próprio armador D. Nuno Manuel preparou uma nova expedição ao Brasil, sendo o comandante da mesma o piloto português João de Lisboa. Este era um experimentado navegador, tendo inclusive participado da armada de Vasco da Gama que descobriu o caminho marítimo para as Índias em 1497. Acompanhou também a viagem de Tristão da Cunha em 1506 na rota das especiarias. Faleceu em 1525.

João de Lisboa produziu um Tratado da Agulha de Marear em 1514, sendo depois o mesmo transcrito e inserido no seio de certo Livro de Marinharia. (PEREIRA, 1921, v. II, p. 358).

O professor Esteves Pereira assim se manifestou sobre o trabalho de João de Lisboa:

(...) há uma parte que contém as alturas, derrotas, sondas e marés do Atlântico e Mediterrâneo; nesta parte há uma secção contendo as alturas da costa do Brasil, em que é dada a latitude de 36 lugares da costa do Brasil desde a embocadura do rio Maranhão até a do Prata. (PEREIRA, 1921, v. II, p. 358).

E continuou o professor Esteves Pereira que (...) Advirta-se que o último lugar, cuja altura é dada na mencionada secção [do Tratado da Agulha de Marear] é o cabo de Santa Maria (...) XXX grãos. (IBIDEM)

Pelos seus trabalhos de observações e apontamentos náuticos, com registros até bastante científicos, verificamos quão competente e cioso era o piloto João de Lisboa, demonstrando realmente que tinha profundos conhecimentos de náutica, astronomia, cartografia e cosmografia. Assim anotando Lisboa em seus registros de bordo, temos que os dados mencionados comprovam que realmente ele esteve no ano de 1503 no rio da Prata, ou melhor, em sua foz no oceano Atlântico, justamente nesse tal cabo Santa Maria.

Por outro lado, João de Lisboa escreveu o seu Tratado de Agulha de Marear em 1514 e nele inseriu o mapa denominado Globo, onde claramente desenha a reentrância do rio da Prata. Tal seja, João de Lisboa já sabia da existência desse rio bem antes da descoberta oficial do mesmo.

Outra citação de Esteves Pereira que merece ser realçada quando trata do livro de Gaspar Correia, Lendas das Índias, relatando a viagem de Fernão de Magalhães em 1519, onde transcreve interessante parágrafo sobre a descoberta do cabo de Santa Maria:

(...) Partiose das Canarias de Tenerife e foy demandar o Cabo Verde, donde atravessou a costa do Brasil (...) e daqui forão navegando até chegarem ao cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobrira no anno de 1514 (...). (PEREIRA, 1923, v. II, p. 359).

Essa data de 1514 está claramente errada no registrado por Gaspar Correia e esse erro Esteves Pereira observou e o corrigiu. O ano de 1514 foi quando João de Lisboa escreveu o seu Tratado de Agulha de Marear. E mais, nesse trecho não existe informação geográfica desse cabo de Santa Maria, se no Prata ou no litoral catarinense.

Provas cartográficas dessa viagem são encontradas no Atlas de Vaz Dourado, no Atlas das Necessidades de autor anônimo e no Atlas de Lázaro Luís, todos publicados nas três primeiras décadas do século XVI, onde apontam no sul da costa do Brasil o mencionado Rio de João de Lisboa.

Desta forma, Esteves Pereira identifica João de Lisboa, posteriormente nomeado Piloto Mór da Navegação da Índia e Mar Oceano, justamente pela sua competência, estudo e prática de navegação, como o segundo descobridor do rio da Prata.

Todavia temos que anotar um registro interessante efetuado pelo cronista espanhol Luís Ramirez, quando esteve conversando ou o

interrogando o português Melchor Ramirez, náufrago em Santa Catarina. O cronista, registrou sobre o mesmo que Este [Melchor] también dijó mucho bien de la riqueza de la tierra, el qual dijó haver estado en el rio de Solís por lengua de un armada de Portugal. Rememoramos que a história apontou que apenas três expedições possam ter alcançado o rio da Prata, a de Américo Vespuccio em 1502, João de Lisboa em 1503 e Juan Diaz de Solís em 1516. Há que se perguntar se, além da expedição espanhola de Solís, Melchor Ramirez participou das expedições portuguesas de 1502 ou 1503? É uma questão instigante, mas praticamente impossível de ser respondida.

A despeito dos argumentos apresentados por Varnhagen e Esteves Pereira e da comprovação cartográfica das hipóteses mencionadas, achamos insuficientes as tais alegações, vez que baseada unicamente num ponto geográfico que, a rigor, não se pode efetivamente determinar. Além do mais, se João de Lisboa houvesse descoberto um rio imenso, ou o que poderia ser considerada uma nova passagem para as Índias e ilhas das especiarias, essa nova rota para o Mar del Sur ¹ teria sido mais amplamente explorada diplomaticamente, com o Rei de Portugal invocando junto à Coroa de Castela e ao Papa a posse dessa nova possível passagem ou a conquista do imenso rio para seu reino.



ROSSELLI, Francesco. Mapa Mundi. Roma: 1508.

1 Mar del Sur foi o primeiro nome dado pelos espanhóis ao Oceano Pacífico, descoberto por Vasco Nuñez de Balboa em 1513, através de uma expedição terrestre pelo interior do território atual do Panamá.

VERSÃO ESPANHOLA

A versão espanhola sobre o descobrimento do rio da Prata é uma só², e que nos interessa sobremaneira, tendo sido feito por Juan Diaz de Solís.

Sobre esse intrépido navegador existem arcaicas discussões sobre sua nacionalidade e que só interessam a alguns poucos entusiasmados biógrafos. Tudo indica que Solís era português, mas estava a serviço da Espanha nessa empreitada, portanto, seus possíveis descobrimentos seriam creditados à Coroa de Castela e não à sua pátria de origem, obviamente.

Não existem dados biográficos sobre Solís, em seus anos de juventude.

Julian Rubio, historiador sempre atento, informou que:

(...) Hacia 1498 el piloto Pedro de Ledesma conoció a Solís y ya por conjeturar-se que se dedicaba practicamente a la navegación y posiblementr realizó algún viaje al Novo Mundo em compañía de Vicente Yáñez Pinzón, en 1499. (RUBIO, 1942, p. 14).

Salientamos que Varnhagen dá como certa uma viagem de Solís acompanhando a famosa expedição de Americo Vespuccio em 1497 às Antilhas, costa mexicana e península da Flórida.

Em 20 de junho de 1508, Solís e Pinzon saíram da Espanha rumando para um destino tão secreto que nenhum registro a respeito foi encontrado nos arquivos espanhóis. Rubio registrou o historiador colonial Antonio de Herrera ter mencionado que nesse ano ambos os navegantes descobriram a foz do rio da Prata. Mas parece que Herrera é o único historiador a mencionar essa data de 1508, mas sem grandes comprovações.

Pela sua experiência náutica, em 1512 Solis foi nomeado para o cargo de Piloto Mayor de España, em face da morte de seu antecessor Américo Vespuccio.

Rubio, que bastante pesquisou e escreveu sobre o rio da Prata, citou em sua obra que o navegador em 1513 já havia chegado a esse rio, pois realizó este descubrimiento en 1513 en viaje organizada clandestinamente y con asentimiento de la Corona para burlar a los portugueses. Mas Rubio descartou por completo essa possibilidade aventada por outros historiadores. Apenas mencionou essa hipótese mas a descartou de plano.

2 Existem alguns poucos autores que mencionam o ano de 1512 como sendo a data da descoberta do rio da Prata por Juan Diaz de Solís.

No ano de 1514, Juaz Diaz de Solís recebeu uma Capitulación do Imperador espanhol D. Fernando, O Católico, para organizar o que seria a sua última viagem marítima de exploração no novo continente, mas que maior glória lhe pôde proporcionar.

A armada de Solís compunha-se de três caravelas, uma de sessenta e duas de trinta toneladas cada uma.

Deixou o porto de Sanlúcar de Barrameda em 8 de outubro de 1515 com direção ao Atlântico e depois tentaria chegar ao desconhecido Mar del Sur por alguma passagem que certamente deveria existir ao sul do Novo Mundo. Nessa época já se conhecia o oceano Pacífico, descoberto que foi em 1513 por Vasco Nuñez de Balboa.

Solís iniciou descendo pelo litoral a partir do cabo de Santo Agostinho, onde lançou âncoras no porto de Nossa Senhora da Candelária. Nesse local oficialmente tomou posse da terra em nome da Coroa de Espanha. Descendo mais, a armada chegou ao rio dos Patos, situado a 34° e 1/3 de latitude sul e logo a seguir entrou em um mar onde a água era doce. Juan Diaz de Solís havia chegado ao rio da Prata. Naquele momento chamou o rio de Mar Dulce, obviamente em função de sua água doce.

Julian Rubio supõe que a sua entrada em águas do rio da Prata tenha ocorrido no mês de fevereiro de 1516.

Embora o objetivo da expedição não fosse penetrar pelo Mar Dulce acima, sua caravela foi navegando junto à costa em sua margem setentrional, chegando a um local onde resolveu ancorar com a finalidade de entabular conversas com os índios que avistou em suas margens.

Através de sinais mútuos e amistosos entre os indígenas e a tripulação, o piloto mor sentiu-se seguro para ter um contato mais imediato com aquele povo que alegremente acenava para ele.

Em um batel, com mais duas autoridades e alguns marinheiros, Solís foi aportar nas margens do rio da Prata e todos desembarcaram junto a um pequeno riacho. Nesse ponto, os índios que já haviam preparado uma emboscada aos europeus, atacaram Solís e seus homens, trucidando a todos. Somente um grumete chamado Francisco del Puerto foi poupado e segundo alguns historiadores isso ocorreu em face de ser o mesmo ainda muito jovem.

Os índios que assassinaram Solís provavelmente eram Charruas.

Com a morte de Juan Diaz de Solís e de algumas das autoridades maiores da armada, o piloto Francisco de Torres assumiu o comando dessa frota. Com os outros comandantes das demais caravelas, acharam por bem retornar à Espanha por volta de março de 1516.

Uma das caravelas que ficou para trás e se desencontrou das outras em seu retorno à Europa, naufragou em uns baixios em frente à ilha de Santa

Catarina. Desse desastre salvaram-se, entretanto, um número razoável de tripulantes num total nunca determinado convenientemente e que sobreviveram simplesmente nadando até as praias da terra bem defronte.

Dentre esses naufragos estavam Melchor Ramirez, Enrique Montes, o mulato Francisco Pacheco, Durango e ainda Aleixo Garcia.

As duas outras caravelas seguiram seu rumo para a Europa e chegaram à Sevilha em setembro de 1516.

Dessa maneira drástica terminou a vida de Juan Diaz de Solís, um navegador notável pela sua experiência, técnica náutica e conhecimento específico de marinharia, o Piloto Mayor de España. Participou de inúmeras navegações pelo Mar Oceano e quando estava prestes a descobrir uma passagem marítima para o Mar del Sur, o que poderia inserir ainda mais o seu nome na História do Mundo, foi barbaramente assassinado pelos indígenas do Rio da Prata. Se passasse pelo estreito e tivesse chegado às ilhas das especiarias, provavelmente também teria completado a primeira viagem de circunavegação do globo. A glória do descobrimento dessa nova passagem e da primeira viagem em volta do planeta coube à expedição de Fernão de Magalhães em 1519/20.

Realmente Solís, por imprudência pessoal, mudou o destino de sua própria vida. Não é exagerando que historiadores platinos registram que Solís era um exímio navegador, porém péssimo soldado.

Solís foi el más excelente hombre de su tiempo en su arte, mencionou Julián Rubio, transcrevendo frase do historiador colonial Antonio de Herrera.

O rio da Prata primeiramente foi chamado pelos espanhóis de rio de Solís, não em homenagem a Juan Diaz de Solís como seu descobridor ³, mas em face desse piloto ali ter sido morto pelos índios Charruas. O rio seria então o “mausoléu” de Solís. Mas de qualquer forma foi uma homenagem ao grande navegador.

Lopez de Gómara, em sua obra sobre a História das Índias, assim se manifestou: Llamam a este rio de la Plata y de Solís, en memoria de quien lo descubrió. (GÓMARA, 1922, tomo I, p. 211) contrariando a colocação de Rúbio e Herrera.

Menciona-se também que o próprio Solís o teria chamado de Mar Dulce, ao deparar-se com aquela inacreditável extensão e volume de água doce.

A partir da viagem de Diego Garcia, que através dos índios da região conseguiu certa quantidade de prata, tudo indica vinda dos Andes, o rio passou a ser conhecido na Europa como rio de La Plata.

³ O professor Esteves Pereira que vimos mencionando, dá crédito a essa frase ao frei Bartolomé de las Casas, em seu livro *Historia de las Indias*, com primeira edição de 1547.

Esse caso da primazia da descoberta do rio da Prata é uma disputa intelectual sem fim. Historiadores e pesquisadores portugueses e brasileiros contra argentinos e paraguaios, que nunca vão se entender, nem jamais vão ceder por mais comprovada e justificada que seja a hipótese contrária. Cada um puxando para si o prêmio desse feito histórico e grandioso por certo. Ou para navegadores a serviço de Portugal ou a serviço da Espanha.

A dificuldade documental é uma tônica no tocante à história dos descobrimentos de fins do século XV e princípios do XVI. Havia uma política de sigilo das navegações e descobrimentos marítimos por parte das duas Coroas ibéricas, com mais ênfase para Portugal, o que motivou o não registro oficial de muitas viagens ultramarinas. Daí a desinformação e escassez documental acerca de nomes de pilotos e comandantes, as datas de partida e de chegada e principalmente, as terras, ilhas e pontos geográficos nos litorais descobertos, explorados e mapeados.

Toribio Medina assim transcreveu uma Relação do Imperador dirigida à Solís, onde fica patente a política de sigilo com relação às expedições marítimas, onde se verifica que (...) é porque el viaje que sea muy secreto por muchas causas (...). Apesar de citar as muitas causas pelas quais as expedições tinham a chancela de secretas, o Imperador não especificou quais seriam essas mesmas causas.

A falta de registros nesse período é o problema maior dos desencontros históricos. Agora, cabem três perguntas: Quem descobriu a América, Colombo ou seus antecessores? Quem descobriu o Brasil, Cabral ou seus antecessores? Quem descobriu o rio da Prata, Juan Diaz de Solís ou seus antecessores?

Mas podemos resumir a questão num só ponto. O cabo mencionado nas cartas, nos atlas e na correspondência e ainda nas análises de Varnhagen e Esteves Pereira seria realmente o de Santa Maria que estaria supostamente localizado na foz do rio da Prata? Ou esse cabo seria na realidade o de Santa Marta que estaria em litoral catarinense? Se o cabo era o Santa Maria, realmente o descobridor do rio da Prata foi Américo Vespuccio e depois João de Lisboa. Estavam certos os historiadores Varnhagen e Esteves Pereira. Porém se esse cabo de Santa Maria fosse na realidade o de Santa Marta localizado bem mais ou norte já em território brasileiro, então o descobridor foi realmente Juan Diaz de Solís.

Todavia temos importantes dados a inserir nessa disputa, que são dos primeiros mapas representativos do Novo Mundo. Os Mapa Mundi de Nicolás Canerio (1504/5), de Martin Waldseemüller (1507) e o de Francesco Rosseli (1508) apresentam claramente a profunda reentrância da foz do rio da Prata; O Western Hemisphere de Joannes

Stobnicza (1512) mostra um contorno perfeito de ambos os lados das América do Sul e do lado do Atlântico uns contornos ao sul que podem ser perfeitamente o rio da Prata; O mapa representativo do Novo Mundo de Piri Reis (1513) aparece claramente, não só a foz, como o traço do rio da Prata; O mapa *Universalis Cosmographie* de Louis Boulengier (1514) mostra os contornos atlânticos da América do Sul e algumas reentrâncias, e um desses acidentes geográficos pode ser perfeitamente o rio da Prata. Ainda apontam claramente um rio nas partes meridionais da América do Sul o Mapa Mundi de Giovanni Contarini (1506), o *Universalior Cogniti Orbis Tabula* de Joahanes Ruysch (1506), Mapa Mundi de Francesco Rosselli (1508), o Mapa Mundi de Lenox (1510) e o Mapa Mundi de Bernard Sylvanus (1511) e o globo de João de Lisboa (1514).

As mais impressionantes peças cartográficas sem dúvida são o Mapa Mundi e o Globo de Lenox, desenhados em 1510. Nessa época, de acordo com os historiadores espanhóis, não se conhecia o rio da Prata, Vasco Nuñez Balboa não havia descoberto o Pacífico, nem Fernão de Magalhães havia encontrado a passagem para esse oceano Pacífico e tampouco se conhecia o contorno do litoral oeste da América do Sul. E todos esses pontos estão apontados no mapa de Lenox com uma estranha precisão e similitude com os mapas atuais.

Como pode ser explicado nesses trabalhos de Lenox o apontamento desses contornos, essas nítidas reentrâncias no litoral meridional do Novo Mundo e o formato bem aproximado da América do Sul ainda na primeira década do século XVI? Certamente podem ser recortes imaginativos do litoral sul por parte do cartógrafo. Mas como pôde o mesmo desenhar a clara representação da foz do rio da Prata? E mesmo nos outros mapas acima referidos sempre se sobressai um contorno bem maior, mais profundo que os outros, apontando de forma nítida o desaguadouro de um grande rio no oceano Atlântico.

Tantos mapas, tantos cartógrafos diferentes, tantos locais de edição levam a crer que esses precisos apontamentos cartográficos, surgidos de uma hora para outra na primeira década do século dos descobrimentos, foram feitos a partir de informações precisas acerca da existência de um grande rio que desaguava no Atlântico sul. E mais, um dos prováveis descobridores, o português João de Lisboa, sendo exímio navegador, cosmógrafo, astrônomo, poderia muito bem ter sido o informante do exato ponto da foz desse rio. Um detalhe, com 290 km em seu estuário, o rio da Prata pode aparecer bem visível como uma grande reentrância mesmo nos Mapa Mundi da época.



LENOX, Mapa Mundi, Londres: 1510.

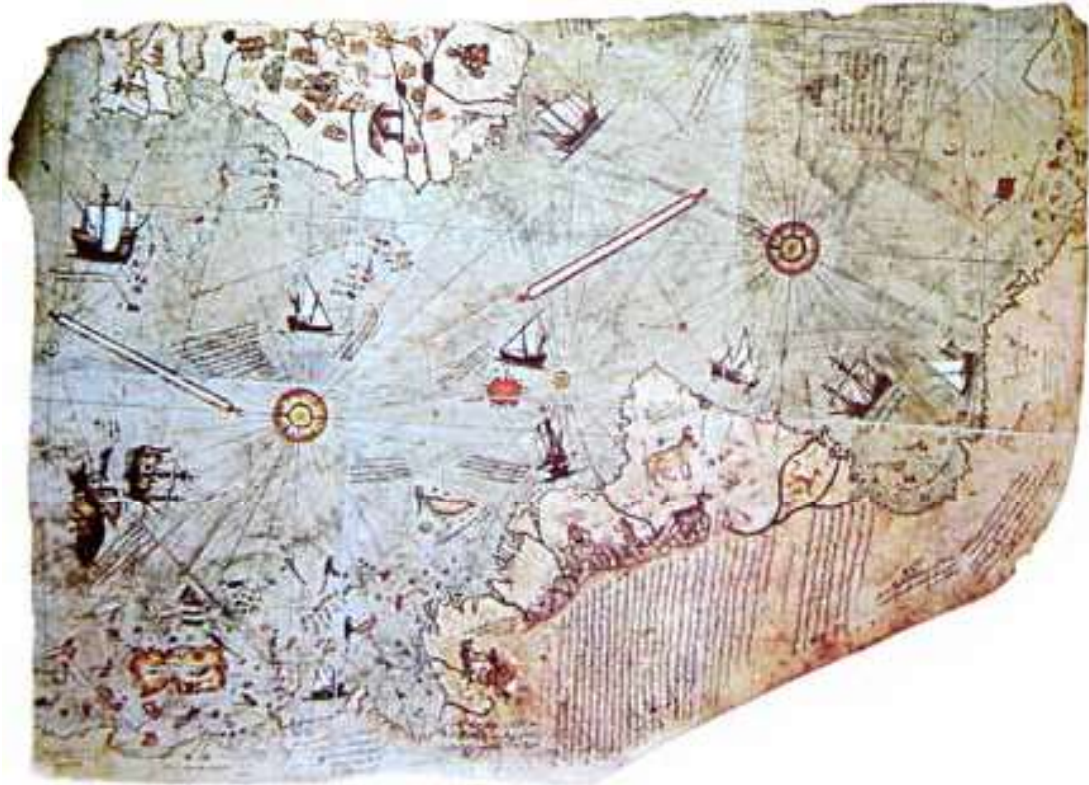
CONCLUSÃO

Tendo em vista a política de sigilo imposta por ambas as cortes ibéricas com relação aos seus descobrimentos marítimos, não abundam documentos nos arquivos históricos que possam precisar a data e o nome do descobridor do rio da Prata. Os seguidores de ambas as correntes históricas têm indícios menos ou mais precisos em favor da descoberta espanhola ou portuguesa. Obviamente são robustos os dados que induzem a primazia da descoberta por Solís, mas não mais consistentes. Mas a base documental para comparação não permite uma afirmativa definitiva acerca da data e do navegante descobridor.

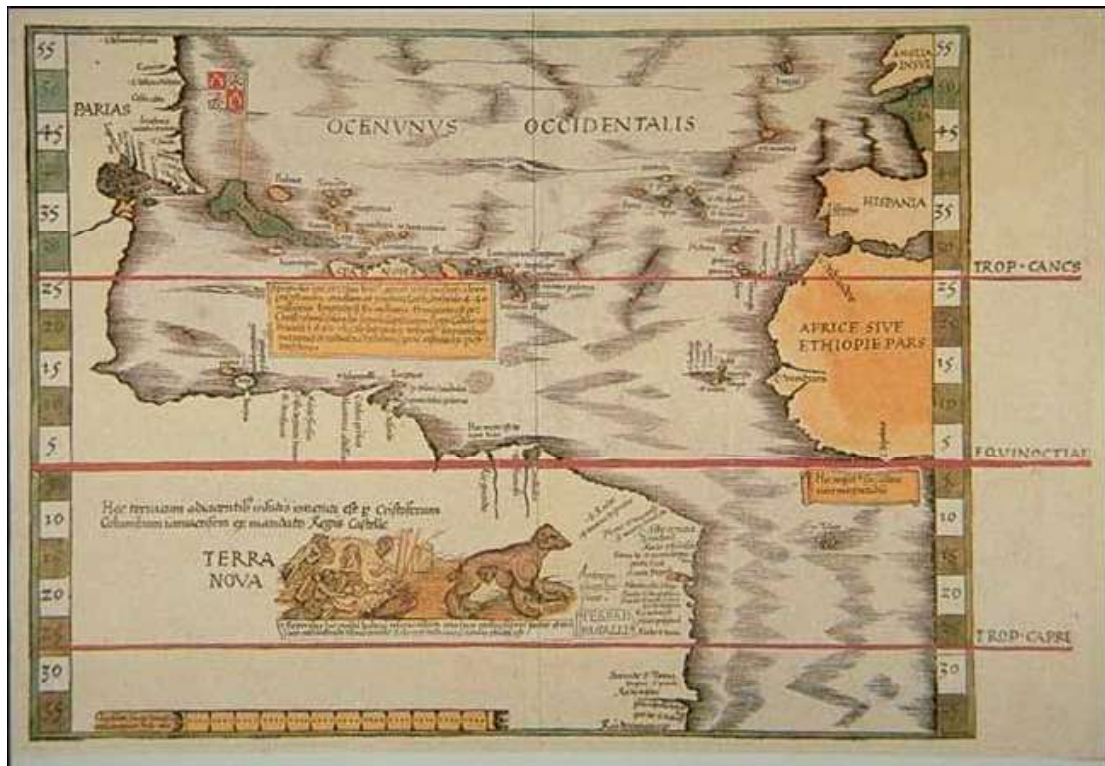
Por outro lado, fica patente que através das provas cartográficas, não subsiste a teoria da descoberta do rio da Prata por Juan Diaz de Solís em 1516 defendida por historiadores de língua espanhola. Obviamente algum navegante deva ter relatado o descobrimento da foz de um rio imenso nas costas do Atlântico com 290 quilômetros de extensão. E com base nessa informação os cosmógrafos e cartógrafos europeus passaram a desenhar esse acidente geográfico em seus mapas, apontando-o como uma reentrância no relevo da costa atlântica ainda na primeira década do século XVI.

Não havendo forma de comparar a documentação portuguesa e espanhola para um resultado minimamente aceitável e com provas cartográficas abundantes, resta dizer que o rio da Prata já era conhecido

na Europa na primeira década do século XVI e os navegantes Américo Vespúcio ou João de Lisboa, foram os seus verdadeiros descobridores nos primeiros anos desse século.



REIS, Piri. [Mapa Mundi], Istanbul: 1513.



WALDSEEMULLER, Martin. Terra Nova. [Alemanha]: 1513.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luis de. O “Tratado da agulhar de marear” de João de Lisboa, reconstituição de seu texto, seguida de uma versão francesa com anotações. In: Revista da Universidade de Coimbra. Coimbra: Imprensa de Coimbra, v. XXIX, 1981.
- CHAVEZ, Julio César. Descubrimiento y conquista del rio de la Plata y el Paraguay. Asunción: Nizza, 1968.
- GÓMARA, Francisco Lopez de. Historia General de las Indias. Madrid: Calpe, 1922, 2v.
- GUZMÁN, Ruy Diaz de. Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Rio de la Plata. Asunción: Comuneros, 1980.
- HISTÓRIA da Colonização Portuguesa no Brasil. Porto: Litographia Nacional, 1921, 3v.
- MEDINA, José Toribio. Los Viajes de Diego Garcia de Moguer al Rio de la Plata: Estudio Histórico. Santiago de Chile: Ezelviriana, 1908.
- MEDINA, José Toribio. Juan Diaz de Solís – Estudio Histórico. Santiago: Casa del Autor, 1897, 2v.
- PEREIRA, F.M. Esteves. O Descobrimento do rio da Prata. In: História da Colonização Portuguesa no Brasil. Porto: Litografia Nacional, 1923, p. 351/90.
- RAMIREZ, Luiz. Carta de Luiz Ramirez do rio da Prata a 10 de julho de 1528. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: v.15, 1852, p.14/41.
- RUBIO, Julián Maria. Exploración y Conquista del Rio de la Plata siglos XVI y XVII. Buenos Aires: Salvat, 1942.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho. História Geral do Brasil. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1926.
- VESPUCIO, Américo. Carta de Amerigo Vespucci a Lorenzo de Medici, datada de Sevilha a 28 de julho de 1500. In: SOUZA, T.O.Marcondes de. O Descobrimento do Brasil. São Paulo: Michalany, 1956.

